

De marginal a estudante de Direito

Do Los Angeles Times

Los Angeles — Duc Pham começou a fazer parte de gangues no início da sua adolescência, frequentemente vendendo crack e jogos de computador roubados na parte de trás do edifício onde mora para arrumar algum dinheiro. Quando chegou aos 20, ele já tinha gastado quase uma década preso em reformatórios ou brigando na Justiça contra acusações que incluíam roubo de carros e assalto à mão armada.

É uma história comum em Los Angeles, exceto por um detalhe: Pham, que ainda faz parte de uma gangue, hoje é estudante em tempo integral do curso de Direito Criminal da *Cal State Los Angeles*, universidade estadual.

"Meus companheiros têm orgulho de mim", diz Pham, 24 anos, olhar duro, cabelos escovinha e enormes tatuagens no peito. "Em 20 anos eu posso me ver, muito ocupado em meu escritório, ajudando pessoas que acabaram de sair da prisão."

Pham dá o crédito por sua nova vida a Gilbert Sanchez, fundador e diretor de um programa especial da *Cal State*, desenvolvido para ajudar jovens em situações de risco, recrutados em regiões pobres da cidade e escolas de 2º grau, a completar quatro anos de ensino superior.

Motivar jovens que passaram anos tentando ser expulsos da escola a esperar pelos anos de faculdade não é fácil. O projeto, que tem cinco anos, usa um pequeno exército de conselheiros, psicólogos, professores e instrutores de computação sediados em um escritório da biblioteca do campus. Este ano, devem se formar os dois primeiros dos 66 jovens matriculados.

Um estudante médio costuma levar cinco anos para se formar, o que coloca a média dos alunos do pro-

grama da *Cal State* em uma boa posição. Mais importante, 77% dos recrutados pelo programa ainda estão matriculados.

Sanchez, um ex-membro de uma gangue com nível superior, é um homem satisfeito com seu programa. "Nós não temos tempo suficiente para ter muitos alunos. A chave para o sucesso é tolerância e paciência", diz, com entusiasmo.

"Todo mundo quer resultados rápidos, mas a realidade é que nós temos que lidar com mais do que hábitos de estudo. Também temos que trabalhar com todas as razões que os levaram para as gangues em primeiro lugar", explica.

Seu programa trabalha com apoio do Instituto *Edmundo Brown Institute of Public Affairs*, uma organização não governamental. Esta é a única iniciativa na área de Los Angeles que tenta transformar meninos e gangues numa nova geração de líderes com ensino superior nas suas comunidades.

Para a maioria desses estudantes não tradicionais essa é a primeira oportunidade de encontrar pessoas da sua idade com interesses acadêmicos. Como era de se esperar, Sanchez vem atraindo a atenção tanto de grupos que monitoram movimentos jovens quando daqueles que perseguem e colocam as gangues na cadeia.

"Eu amo esse projeto. Ele pega o melhor das políticas públicas e os

aplica nas vizinhanças que mais precisam", afirma Stewart Kwoh, presidente do *Asian Pacific American Legal Center of Southern California*. "Muitos desses meninos são muito inteligentes, eles só não tiveram oportunidades."

Ernest Takemoto, supervisor de programas de liberdade assistida em Los Angeles, coloca de outra forma. "A idéia de matricular jovens de gangues não soa realista", diz. "Mas ela coloca garotos em um caminho para metas significantes e não em empregos com salários miseráveis."

A verdade, no entanto, é que nenhum dos protegidos de Sanchez consegue ficar nesse caminho sem muita assistência a cada passo. Mas Sanchez tem paciência. No ano passado um de seus estudantes foi morto em um tiroteio entre dois carros. Outro, passou um mês na pri-

ção e voltou cheio de tatuagens escandalosas no rosto e na cabeça raspada.

Há dois anos, Pham ligou para Sanchez com suas próprias notícias terríveis: fora preso sob a acusação de rapto e assalto. "Eu liguei para Gilbert e contei exatamente o que havia acontecido. Ele preparou alguns papéis para mostrar como eu estava indo bem na faculdade. Eu os dei para o meu advogado, que levou cópias para o juiz. Eu fui solto, mas era uma armadilha de qualquer forma", conta Pham.

A maioria dos estudantes consegue ficar longe de problemas na esco-

la e nas ruas. "O trabalho é uma montanha-russa", diz. "Quanto as coisas ficam realmente ruins alguma coisa boa acontece, como alguém conseguir notas muito boas."

Jacob Escareno, 21 anos, estudante de Direito Criminal, mostra só As e Bs no seu boletim. "Olhe minhas notas. Elas são ótimas, cara", diz. "Eu não vou deixar nada atravessar o meu caminho e vou me formar em três anos, se Deus quiser."

CRIME COMPENSA

No último verão, no entanto, Escareno tomou um tiro e foi esfaqueado três vezes na cabeça durante uma discussão em um parque da cidade.

"Isso tudo ficou para trás. Se não fosse por Gilbert eu ainda estaria vendendo drogas e fazendo confusão", diz, que hoje usa suas horas livres para fazer tours pelo campus com recrutados potenciais.

E, graças ao projeto, ele se tornou uma espécie de celebridade — na Suécia. Há um ano, um autor sueco pesquisando sobre as gangues de Los Angeles fez entrevistas extensas com os líderes e estudantes do projeto. Um deles foi Escareno. Em março, o editor da pesquisa pagou para Escareno ir a Suécia fazer palestras sobre o problema das gangues.

"Eu nunca pensei que o crime podia compensar tanto", diz. "Mas se eu não tivesse sido parte de uma gangue eu nunca estaria nesse projeto nem teria ido à Suécia."

E há mais. Escareno, assim como outros estudantes de Sanchez, desenvolveu um enorme apetite por leitura. "Eu amo ler qualquer coisa sobre gangues, prisões e estatísticas," conta Escareno. "Eu também", emenda Duc Pham. "O melhor livro que eu já li foi o da minha classe de Direito Criminal."

"EU NUNCA PENSEI QUE O CRIME PODIA COMPENSAR TANTO. MAS SE EU NÃO TIVESSE SIDO PARTE DE UMA GANGUE EU NUNCA ESTARIA NESSE PROJETO NEM TERIA IDO À SUÉCIA."

Jacob Escareno,
estudante